

REVERTERE AD LOCVM TVVM!

Amós Coêlho da Silva (UERJ)
amosc@oi.com.br

“Volta a teu lugar” é uma inscrição comum em portões de cemitérios. Outra sentença *Pulvis es et in pulverem reverteris, És pó e ao pó voltarás* (*Gênesis*, 3:19) aparece em múltiplas passagens bíblicas e integra a admoestação de Deus quando expulsa Adão e Eva do Paraíso.

Esta mesma condição humana podemos surpreender ainda muito anteriormente no mundo helênico antes de Cristo: com o poeta Píndaro (século V e VI a.C.), o cantor das olimpíadas. Em seguida, Horácio glosa este pensamento dando-lhe um fundo epicurista.

Quintus Horatius Flaccus (65-8 a.C.), Quinto Horácio Flaco, *dimidius animae, metade da alma* do poeta Vergílio, seu contemporâneo, e, como este, integrante do círculo de Mecenas, patrono de poetas²⁵ e conselheiro do imperador Augusto (governo de 27 a.C. – 14 d.C.). Temos de Horácio: *Odes* (4 livros); *Epodos* (17 poemas); *Sátiras* (2 livros) e *Epístolas* (2 livros), com destaque da *Epístola aos irmãos Pisões* ou *A Arte Poética*, onde Horácio debate princípios da arte literária ao longo de 476 hexâmetros.

Devido à sua sinceridade e transparência de atitude, à sua perfeição formal, à sua urbanidade, ao seu patriotismo, conquistou a posição de um poeta singular e marcante em todo o Ocidente.

Apresentação da *Ode VII*, Liber IV, de Horácio:

²⁵ Daí, nos dicionários, “mecenas”, substantivo comum, aplicado ao protetor das letras, artes e ciências.

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

Diffugere niues, redeunt iam gramina campis
Arboribusque comae;
Mutat terra uices et decrescentia ripas
Flumina praetereunt;
5 Gratia cum Nymphis geminisque sororibus audet
Ducere nuda choros.
Immortalia ne speres, monet annus et alium
Quae rapit hora diem.
Frigora mitescunt Zephyris, uer proterit aestas,
10 Interitura, simul
Pomifer autumnus fruges effuderit, et mox
Bruma recurrit iners.
Damna tamen celeres reparant caelestia lunae:
Nos ubi decidimus.
15 Quo pater (pius)²⁶Aeneas, quo diues Tullus et Aeneas,
Puluis et umbra sumus.
Quis scit na adiciant hodiernae crastina summae
Tempora di superi?
Cuncta manus auidas fugient heredis, amico
20 Quae dederis animo.
Cum semel occideris et de te splendida Minos
Fecerit arbitria,
Non, Torquate, genus non te facundia, non te
Restituet pietas;
25 Infernis neque enim tenebris Diana pudicum
Liberat Hippolytum,
Nec Lethaea ualet Theseus abrumperere caro
Vincula Pirithoo.

Desapareceram as neves: retornam agora o verde aos campos
As copas, às árvores;
A terra muda a sua condição e os rios, enquanto descem,
Ultrapassam as ribanceiras.
A Graça com as Ninfas e as irmãs gêmeas ousam
Nua(s) conduzir os coros.
Não esperes a imortalidade, adverte o ano
E a hora subtrai o dia benfazejo.
O frio abrandar-se com os Zéfiros, o verão, que há de terminar, sucede a primavera,
Sucede a primavera,

²⁶ Na edição de François Richard (Garnier Frères) e na de F. Plebis et P. Lejav (Hachette) aparece *pius* por *pater*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim que o pomífero outono fizer brotar seus frutos e logo
O inerte inverno retorna (rápido).
Entretanto, as luas céleres (os meses urgentes) reparam os danos:
Quando nós descermos
Para onde o piedoso Eneias está, para onde estão o rico Tulo e
Anco,
Seremos pó e sombra.
Quem sabe se os deuses supernos acrescentarão os momentos de
amanhã
Ao total de hoje?
Todas as coisas que tiveres conquistado para teu coração amigo
(para ti mesmo)
Escaparão às mãos ávidas dos herdeiros,
Assim que tiveres morrido e de ti, Minos, tiver proferido
A sentença claríssima.
Nem, ó Torquato, a ti a tua estirpe, nem ti a eloquência,
Restituirá a ti a piedade (a vida).
Com efeito, Diana não liberta o pudico Hipólito
Das trevas infernais.
Nem Teseu consegue romper as cadeias leteias
Ao seu caro Piríto.

O seu ritmo é em estrofes arquiloquianas ou arquiló-
quias, em forma de dísticos, que é a combinação de duas di-
mensões: verso arquiloquiano, denominado maior, de seis pés
como neste primeiro verso: um troqueu, três dátilos e dois es-
pondeus. O outro denominado arquiloquiano menor, também
chamado de ternário catalético (devido à supressão de uma sí-
laba, e, às vezes, duas, no fim), de dois dátilos mais uma sílaba
no fim.

Dīffūgērē nīuēs, rēdēūnt iām grāmīnā cāmpīs
Ārbōrībūsquē cōmā;
Mūtāt tērrā uicēs ēt dēcrēscētīā rīpās
Flūmīnā prætērēūnt;
Grātīā cūm Nymphīs gēmīnisquē sōrōrībūs audēt
Dūcērē nūdā chōrōs.

Observe-se, no terceiro verso, a expressividade auditiva
dos fonemas oclusivos surdos /k/ (de *decrescēntia*), e ainda
neste mesmo vocábulo, o encontro consonantal /kr/ associado
ao barulho representado no fonema /t/, vibrante, no termo *ri-*

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

pas, com sua oclusiva /p/. Como se sabe, a oclusão é um ato articulatorio instantâneo, daí o jogo rítmico na sequência deste terceiro verso: /d/, encontro consonantal /kr/, /t/, /r/ e /p/, imitando a corrente caudalosa do rio. A aliteração se completa no encontro consonantal /fl/, /m/, /n/, segue-se uma cesura; finalmente, o encontro consonantal /pr/ e as consoantes /t/, /r/ preenchem a impressão auditiva do fluxo do rio. A disposição das vogais colabora, e muito, na recepção auditiva. Veja numa tradução mais literal: *A terra muda suas condições e os rios, enquanto descem, ultrapassam as ribanceiras... Praetereunt se compõe do elemento praeter, diante de, mais o verbo eo, is, ire – o nosso verbo ir. O nosso termo pretérito vem daí e significa passado e passar, ultrapassar é um dos sentidos deste verbo latino.*

Em geral, os versos arquiloquianos são formados de quatro dátilos, dentre os quais Horácio admite os três primeiros serem substituídos por um espondeu e até troqueu. O arquiloquiano menor funciona como um fecho, quase uma conclusão:

Pūluīs ēt ūmbrā sūmūs, somos pó e sombra - fecho métrico arquilóquio menor.

Em várias passagens horacianas, encontramos o tema da fugacidade do tempo e a brevidade da vida. Na Ode 30, livro III, a busca da imortalidade através da arte torna-se o consolo daqueles poetas agraciados pelos deuses com alguma luz: *Non omnis moriar, multaue pars mei / Vitabit Libitinam, Não morrerei de todo, uma grande parte minha evitará Libitina*²⁷.

Que nossos alunos reparem a presença de elementos clássicos no português: a forma que conhecemos *evitar*, mas no Latim Clássico se dizia *uitare*, sem o prefixo *e(x)*; assim, temos perturbar, mas para os clássicos era *turbare*, sem o pre-

²⁷ Deusa dos funerais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

fixo *per* (outros exemplos prefixados em português são: *dilacerar*, face a *lacerare*; *emitir*, face a *mittere* etc.).

Horácio, ainda neste poema, no verso 13, enfatiza a sua humilde condição, porém, gloriosamente trasladou para Roma o ritmo dos cantos helênicos, conforme versos 13 e 14; contudo, pela mercê dos deuses aos seus méritos pessoais, 14-16: *Sume superbiam / Quaesitam meritis et mihi Delphica / Lauro cinge uolens, Melpomene, comam, Melpômene*²⁸, *cinge com o louro apolíneo (délfico*²⁹) *minha cabeça (cabeleira), atribuindo-me uma altiva conquista por meus méritos.*

O pensamento em pauta provém de Píndaro (522 ou 518- 446 a.C.): ‘skiâs ónar ánthropos’, *o homem é o sonho de uma sombra*, (Tosi, 1996, p. 245) o que define a vida humana como vã, uma ilusão. Leiamos a tradução de Maria Helena (1998):

Efêmeros! Que somos nós? Que não somos?
Sombra de um sonho é o homem!
Mas, quando sobrevier um raio de luz divina,
Um brilhante clarão e doce vida
Sobrevirá aos homens. (Ode Pítica VIII)

Em muitas passagens da tragédia clássica e em outros passos da literatura grega, encontramos essa concepção sobre o homem e sua vida. Há também sua presença paralela em âmbito judaico-cristã, como se mencionou acima. Ainda há em todas as línguas europeias e, com o renascentista Petrarca, temos a sua irradiação como mote literário.

Retomemos o texto horaciano. Repare-se o manejo do aspecto verbal estilisticamente. O perfeito indicativo *diffūgērē* tem por sujeito metafórico *nīuēs*, *desfizeram-se as neves*; contudo, em latim, literalmente se diz *as neves desaparecem*, o

²⁸ Musa que preside à tragédia.

²⁹ Relativo à cidade Delfos, onde Apolo preside à profecia.

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

que trai no pensamento horaciano a questão da fugacidade do tempo, frente a um fato com sentido conclusivo, findo - no aspecto verbal do perfeito indicativo, reforçado com elementos linguísticos como o prefixo *dis-*, aqui denotando reforço, aumento, intensidade do conteúdo semântico de *fugere*, cujo radical denota aspecto pontual ou instantâneo, quer dizer, mas do que conclusivo: foge ou escapa e não volta mais. A neve, que é solidificação de água, são grãos que, como as nossas vidas, se dissolvem facilmente, exatamente como nas palavras do nosso tradutor, Prof. Sílvio Elia.

É que Horácio é um epicurista, doutrina filosófica fundada pelo grego Epicuro (de 342-270 a.C.), conhecido sobretudo pela sua moral, que se concentra no prazer, o qual, como ele próprio julga, é o bem mais almejado pelo homem.

O hedonismo epicurista seria o bem primordial, porque é fundamental e inato. A nossa alma ressoa com os gritos da carne. A carne reclama de fome, de sede e de frio. A alma escuta as prescrições da natureza. Como se conceberia o bem, caso se suprimissem os prazeres que se apercebem no gosto e no amor, na audição e no canto, na emocionante visão das belas formas e nos outros prazeres que nascem dos órgãos dos sentidos humanos? Mas para um epicurista, por isso mesmo, a escolha do prazer deve ser refletida, já que uma parcela dos desejos é natural e necessária, a restante, mesmo sendo natural, é desnecessária.

Ora, sendo todos naturais, e nem sempre são necessários, poderá um desejo bom para os sentidos ocasionar um mal? Ao revés, poderá a resistência a certos impulsos de um desejo ocasionar um bem? A sua conclusão é que se pode desfrutar um prazer corpóreo quando se vive apenas a pão e água, desprezando os prazeres dos banquetes requintados... Ou ainda a solidão, desprezando à luxúria... Ou até o conforto proporcionado pelo dinheiro... Mas não por eles em si, porém, porque estes são acompanhados de inconvenientes. Não se deve ficar

angustiado com o que não se possui; ao contrário, o que se tem corresponde a desejos realizados. Suprimindo a necessidade do amanhã, mais satisfação haverá para o futuro: *Carpe diem*, aproveita o dia (de hoje) do nosso poeta romano Horácio em pauta, nas Odes (Livro I, 11, p. 8) é emblemática dessa brevidade da nossa vida.

Busque-se a seguinte medida: a natureza só solicita o suficiente e se pode ser rico com pouco; o desejo é infinito, se o pouco não basta, nada, enfim, satisfaz.

Na verdade, Epicuro retomou o atomismo, mas lhe deu o fundamento ético, que não possuía até então, conforme observação acima sobre os sentidos humanos. O primeiro sentido de materialismo vem de dois filósofos de Abdera: Leucipo, o mestre, Demócrito (460-360 a. C.), o seu discípulo. Justificaram a origem da vida pela combinação de átomos. Porém, estes dois pioneiros se prenderam apenas às combinações dos átomos. Epicuro definiu o objetivo da filosofia, delimitou uma teoria do conhecimento, introduziu a curva nas quedas dos átomos, possibilitando os choques e, de suas aderências compatíveis a formação dos seres; interpretou na existência dos corpos uma espécie de desprendimento de elementos, mas não como uma perda, porque haveria uma compensação por afluxo fixador das formas de tudo, ainda que não resista ao tempo, como Horácio exprime o materialismo atômico da vida na sua ode (*uer proterit aestas, / Interitura, simul / Pomifer autumnus fruges effuderit, et mox / Bruma recurrit iners.* o verão (estio) expulsa (destrói – *proterit* = lançar para diante, triturar) a primavera, (o verão) que perecerá (*interitura*, há de perecer, sentido de obrigatoriedade) assim que o pomífero outono fizer brotar (seus) frutos, e logo a seguir reaparece o inerte inverno.)

No plano ético, insistiu sobre o sentido vão do medo da morte, porque ela significa tão-somente o apagar dos órgãos do sentido.

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

Assim, o Poeta Venusino ressalta, nos seus versos, que não esperes, no imperativo negativo, as coisas mortais, conforme advertência do ano que passa e da hora que, *rapit hora diem*, arrebatava o dia. Para frases optativas ou que se exprime desejo, admoestação, o latim usa o advérbio “ne”. Há ênfase quando se empregou o verbo “rapit”. Em latim, o seu primeiro significado é “arrebatar”, mas com a ideia de “levar à força” o dia fecundante. Por isso, mais uma vez, verifiquemos, dentro do mundo clássico, porque se deve ler este poema no original. *Dies designa o dia luminoso, divinizado em Diespiter, cf. Dialis flamen Dialis*³⁰, quer dizer, “Diespiter” é uma outra forma de “Iuppiter”, com apofonia de “pater” para “piter”; trata-se de uma forma de vocativo, o que evidencia um culto a Júpiter. É importante ressaltar que *Iou- repose sur *dyew-*, (Ernout & Meillet, 1985), que é uma raiz indoeuropeia, em grego é genitivo ‘Diós’: a semelhança na transcrição não casual. E *alimum* se prende ao verbo *alo*, *alimentar*. Também aluno, *alumnus*, é cognata de *alo*. Nos epítetos homéricos, lê-se *Pátroclo*, *nutrido por Zeus*, ‘*diogenès*’, (Iliada, v.126, do canto XVI) traduz-se por alimentado porque o elemento grego –gen-, denota geração, que produz, raça, nacionalidade etc. Por isso, o dia é benfazejo, ou melhor, *a luz do dia que fecunda*, como o escreveu o Prof. Sílvio Elia.

Há nestes poetas do século I a.C. forte influência dos poetas alexandrinos. Eles se caracterizavam pela liderança de Calímaco (século IV a.C.), que condenava poemas longos, e, como está em Horácio, a valorização de aspectos formais, erudição mitológica... Porém, Horácio não se empenha numa desmitificação, como às vezes se lê, *passim*, em Ovídio, seu coetâneo mais tardio. Assim, cita-se, além da Graça³¹; Zéfi-

³⁰ Dies designe le jour lumineux (divinisé dans Diespiter; cf. Dialis dans flamen ...)

³¹ Ora aparece em seus textos no singular: *Gratia*, ora no plural: *Gratae*, são portadoras de influências benéficas. Horácio as tem como divindades importantíssimas no panteão, bem como as Ninfas, admitida em latim diretamente do grego, são di-

ros³²; Diana³³ e Libitina. São citações míticas também Minos³⁴; Hipólito e Teseu³⁵ e Pirítoo³⁶. Outras citações são *Tullus Hostilius* e *Ancus Martius*, o terceiro e quarto rei de Roma; *Torquatus* era um advogado, considerado muito eloquente, bem como a “*pietas, piedade*”, que significa cumprimento do dever para com a família e os deuses – mas diante da inexorável sentença de Minos, de nada adiantava tais poderes.

Concluindo, não há uma mitologia romana, como consta das pautas de graduação do Instituto de Letras da UERJ, herança de uma reforma curricular equivocada. O que temos é uma mitologia latina, oriunda dos indo-europeus e resultado de uma miscigenação de povos conquistados, como está no *Dicionário da Mitologia Latina*, de Tassilo Orpheu Spalding e no *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*, de Junito de Souza Brandão. Dada a forte influência etrusca na formação social e política de Roma, temos a atuante fonte etrusca desde a criação monárquica inicial, formação patriarcal e a religiosa dos seus sacerdotes; assim, oficialmente, temos a religião romana, fundada no *pater familias*, o pai de

vindades que não habitam o Olimpo. São ligadas à água e à terra, pode-se dizer que são a própria força telúrica.

³² Nome de um vento oeste, personificação do céu estrelado.

³³ Outra cognata de “*dies, dia*”, que se prende a “*díus, do céu*”, *Diana* significa a luminosa, uma deusa celestial.

³⁴ Um dos juizes do Inferno (Inferno é uma das moradas dos deuses).

³⁵ Filho de Teseu, herói da mitologia grega. Hipólito foi acusado falsamente por Fedra, sua madarasta, mas apaixonada por este. Como ele não correspondeu, Fedra o acusou de estupro. Teseu, como pai, sentiu-se impotente para castigá-lo, pediu aos deuses e estes se manifestaram através de um monstro marinho que o matou.

³⁶ Foi condenado a permanecer no Inferno, apesar do esforço do herói Teseu. O adjetivo leiteia é feminino de leteu, próprio do rio Letes, um dos cinco rios do Inferno, cujas águas tinham a propriedade de fazer com que as almas dos mortos que delas bebessem não mais se lembrassem do passado na Terra.

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

família, o elemento *-as* é um genitivo arcaico, como no grego quando o tema é em “a” para muitas palavras; daí a presença do Estado em relação aos *ciues, cidadãos*. O elemento em latim *pater* forma a palavra *patria*, como em ficou em português. No dizer de Tassilo Orpheu Spalding (sem data): *O Estado é um pai poderoso, absoluto e tirânico*. O Poeta Horácio o disse também: *Dulce et decorum pro pátria mori, É doce e belo morrer pela pátria*. (*Odes*, III, p. 2,13)

A influência helênica foi tão atuante que na Mitologia Latina, temos, muitas vezes, unicamente o nome grego do deus, como acontece com Apolo. O caso do termo Baco é curioso: é nome grego, equivocadamente passa por ser latino, e o latino que lhe corresponde, o termo *Liber*, é desconhecido.

BIBLIOGRAFIA:

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *Oito ensaios camonianos*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2004.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1964.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986, 3 vol.

———. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, [s/d. ?]

———. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

CRUSIUS, Federico. *Iniciación en la métrica latina*. Versão e adaptação de Ángeles Roda. Barcelona: Bosch, 1951.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire ethymologique de la langue latine: Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1985.

MORISSET, R.; THÉVENOT, G. *Histoire littéraire*. Principales Oeuvres: Morceaux Choisis. Paris: Magnard, s/d.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

OEUVRES D'Horace. Par F. Plessis et P. Lejay. Paris: Hachette, 1966.

OEUVRES D'Horace: Odes et épodes. Texte établi, traduit, préfacé et annoté par François Richard. Paris: Garnier Frères, s/d.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Hélade*: Antologia da cultura grega. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1998.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Trad. Ivone C. Benedetti. S. Paulo: Martins Fontes, 1996.